

O PEDAGOGO E O TRABALHO EDUCATIVO EM UNIDADES PRISIONAIS

Miryan Cruz Debiasi

Centro Universitário Barriga Verde - Unibave

Rafael Rodrigo Müller

Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

RESUMO:

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a atuação profissional do pedagogo em uma unidade prisional na região da Associação dos Municípios da Região Carbonífera – Santa Catarina, AMREC/SC. A pesquisa se trata de um estudo de campo de natureza básica com abordagem qualitativa. Para responder aos objetivos do estudo, utilizamos dois instrumentos de pesquisa: uma entrevista com a pedagoga que atua na unidade prisional pesquisada, com perguntas semiestruturadas e; um questionário com seis perguntas abertas aplicadas aos quatro detentos que participaram das aulas da pedagoga entrevistada. Ao término da pesquisa viu-se que a pedagoga identifica dificuldades na sua atuação profissional em função, principalmente, da privação de metodologias que possam ser utilizadas no ambiente prisional, uma vez que a distância física e a impossibilidade de levar outros recursos para sala de aula, impedem práticas pedagógicas diferenciadas. Sobre a percepção dos detentos, verificou-se que consideram o estudo incentivador e promissor para seus futuros, quando estiverem em liberdade, tendo considerado ainda que, a pedagoga os incentiva a dar continuidade aos estudos quando estiverem em liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Formação do Pedagogo; Educação Prisional; Educação não escolar; Atuação do pedagogo no ambiente prisional; Ambiente Prisional.

Abstract

The research aimed to analyze the professional performance of the pedagogue in a prison unit in the region of Association of Municipalities of the Carboniferous Region – Santa Catarina, AMREC/SC. The research is a field study of a basic nature with a qualitative approach. To respond to the objectives of the study, we used two research instruments: an interview with the pedagogue who works in the researched prison unit, with semi-structured questions and; a questionnaire with six open questions applied to the four inmates who participated in the interviewed pedagogue's classes. At the end of the research, it was seen that the pedagogue identifies difficulties in her professional performance, mainly due to the deprivation of methodologies that can be used in the prison environment, since the physical distance and the impossibility of taking other resources to the classroom, prevent differentiated pedagogical practices. Regarding the perception of the inmates, it was found that they consider the study encouraging and promising for their futures, when they are free, having also considered that the pedagogue encourages them to continue their studies when they are free.

Resumen

Esta investigación tuvo como objetivo analizar el desempeño profesional del pedagogo en una unidad penitenciaria de em la región de la Asociación de Municipios de la Región Carbonífera – Santa Catarina AMREC/SC. La investigación es un estudio de campo de carácter básico con un enfoque cualitativo. Para dar respuesta a los objetivos del estudio, se utilizaron dos instrumentos de investigación: una entrevista al pedagogo que labora en la unidad penitenciaria investigada, con preguntas semiestruturadas y; se aplicó un cuestionario con seis preguntas abiertas a los cuatro detenidos que asistían a las clases del pedagogo entrevistado. Al final de la investigación,

se vio que la pedagoga identifica dificultades en su desempeño profesional, principalmente por la falta de metodologías que puedan ser utilizadas en el ambiente penitenciario, ya que la distancia física y la imposibilidad de llevar otros recursos al aula, prevenir prácticas pedagógicas diferenciadas. En cuanto a la percepción de los detenidos, se verificó que consideran el estudio alentador y prometedor para su futuro, cuando estén en libertad, habiendo considerado también que el pedagogo los alienta a continuar sus estudios cuando estén en libertad.

1 INTRODUÇÃO

A atuação do pedagogo na prática do dia a dia em unidades prisionais depende de outras práticas e normas a serem cumpridas no cotidiano das prisões tais como medidas de segurança. Estas instituições possuem regras específicas a serem seguidas uma vez que não se trata de uma instituição convencional de ensino (Oliveira, 2019). Diante dessa colocação é possível inferir que a atuação profissional do pedagogo sofre interferências, sobretudo a interação com os educandos e metodologias de ensino.

Sabe-se que a prática pedagógica precisa atender às especificidades do seu público-alvo e, na sua atuação o professor cria estratégias metodológicas para atingir seus objetivos com mais êxito. Em seus estudos, Oliveira (2019) considera a prática em unidades prisionais como elemento que se constitui do fazer pedagógico e entende a educação como prática social. O pedagogo precisa ter conhecimento para contribuir com a educação e necessidades desta também para o público de jovens, adultos e detentos. Atrelada sua atuação às áreas em conformidade com o ambiente prisional, o pedagogo trabalha com uma condição de educação humanizadora.

Com relação aos objetivos educacionais dentro da escola na prisão, Penna, Carvalho e Novaes (2016), relatam que os professores precisam refletir sobre o papel que desempenham dentro do ambiente prisional, também as limitações e possibilidades de sua atuação profissional. Enfatizam ainda que os professores devem tomar conhecimento em sua formação a respeito do cotidiano prisional, da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e das possibilidades formativas na sociedade atual cujas relações são pautadas de poder e dominação. Com isso, o pedagogo, segundo Nascimento et al. (2010), precisa conhecer e respeitar as particularidades do seu espaço ao lidar com pessoas

diferentes, de diversos contextos sociais, culturais, políticos e econômicos. Assim, estar preparado para os desafios que existem em diversos ambientes educacionais, sobretudo no ambiente prisional, é importante para a profissão do pedagogo ainda que os recursos desses ambientes sejam diferentes daqueles usuais em um ambiente escolar.

Ante ao exposto, este estudo tem como problema de pesquisa: de que maneira se caracteriza a atuação do pedagogo em uma unidade prisional na região da Associação dos Municípios da Região Carbonífera – Santa Catarina, AMREC/SC? Para respondê-lo, pautou-se para o desenvolvimento de pesquisa o seguinte objetivo geral: analisar a atuação do Pedagogo em uma unidade prisional na Região da AMREC/SC. Os objetivos específicos se fizeram importantes para concluir essa pesquisa, sendo eles: conhecer as especificidades da atuação profissional do pedagogo no ambiente prisional; investigar na percepção dos detentos, como se dá a atuação do pedagogo no ambiente prisional e; identificar possíveis dificuldades enfrentadas pelo pedagogo na sua atuação no ambiente prisional. Justifica-se a escolha do tema por considerar relevante o trabalho do pedagogo fora do ambiente escolar convencional, afinal, sabe-se que todos têm direito à educação, e não é diferente àqueles que estão em condição de privação de liberdade. Outrora, mesmo sabendo que existem leis que garantem aos detentos a educação dentro das prisões, gera-se dúvidas de como lhes é ofertada, como se dá esse processo de ensino e, se o ambiente é propício para que se efetive uma educação de qualidade. Deste modo, buscou-se uma análise deste contexto na região da AMREC/SC.

2 POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO FORA DO AMBIENTE ESCOLAR

Para Nascimento et al. (2010), é importante considerar a atuação do pedagogo em diferentes contextos culturais e sociais, já que sua formação o prepara para inúmeras possibilidades quanto ao processo de ensino e aprendizagem, não sendo exclusividade apenas do ambiente escolar. Sendo

assim, afirma que há uma necessidade do trabalho deste profissional em espaços pedagógicos que tenham como objetivo principal a formação humana.

Um tema que é importante esclarecer sobre a formação pedagógica em pedagogia é a ampla diversidade de possibilidades da atuação do profissional pedagogo. Como explica Libâneo (2002), a formação do pedagogo é ampla e supera a atuação no meio escolar, contribuindo, assim, na educação formal e informal, o que exige do profissional, capacitação para essas práticas. Assim, a pedagogia é um campo de conhecimento que possibilita ao profissional pedagogo a atuação de forma mais ampla no meio educacional e isso envolve a atuação também em ambientes distintos das salas de aulas.

Para dar mais ênfase a esse contexto de atuação fora do ambiente escolar, se menciona a Resolução do Conselho Nacional de Educação – CNE, número 1 de 2006 que institui as diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Pedagogia. Em seu artigo 6º a norma assegura o respeito à diversidade e multicultural da sociedade brasileira, afirmando que o curso de Pedagogia deve ser constituído de diferentes realidades educacionais (Brasil, 2006). Deste modo, a Resolução, traz no artigo 6º, inciso I, alínea c, que está constituição se dará por “observação, análise, planejamento, implementação e avaliação de processos educativos e de experiências educacionais, em ambientes escolares e não-escolares” (Brasil, 2006). Tal colocação proporciona a possibilidade da atuação profissional fora do ambiente escolar. Ainda, o contexto é reforçado quando menciona sobre a possibilidade de realização do estágio em ambientes escolares e não escolares (Brasil, 2006, Art. 8º, inc. IV).

Com isso, expõe-se que os processos educativos têm capacidade para ocorrer nos mais diversos espaços, mas é importante que o profissional saiba lidar com uma prática pedagógica sistematizada. Deste modo, implica em uma atuação pedagógica na formação de vários sujeitos, respeitando os conhecimentos prévios trazidos por eles e a relação comportamental destes indivíduos dentro e fora do ambiente escolar (Ribeiro, 2018).

Nessa concepção é possível observar que a especificidade da formação do pedagogo está relacionada inteiramente com a dimensão social, permitindo que a pedagogia assuma posicionamento em espaços hospitalares,

penitenciários, empresas, entre outros (Ribeiro, 2018). Os diferentes locais de atuação do pedagogo proporcionam relevância no seu contexto profissional, inferindo que sua atuação fortalece o desenvolvimento do ser humano em meio ao local que ele ocupa na sociedade. Com isso surge a responsabilidade deste profissional em exercer suas funções nos diversos ambientes, devendo se capacitar para atender os demais públicos.

Souza (2012) indica que a atuação pedagógica fora do ambiente escolar fica fundamentada nos aspectos relacionados com a solidariedade e métodos que identifiquem interesses em comum, pois esse conjunto se trata de promover a cidadania coletiva. Conforme se estabelece a atuação nos diversos ambientes, verifica-se o modo de agir em grupo, resgatando o sentimento de autovalorização do indivíduo enquanto inserido no momento de aprendizagem.

Conforme Pereira (2016) a atuação do pedagogo fora de ambientes escolares é uma necessidade, pois as contribuições deste profissional podem melhorar o desenvolvimento pessoal e mudar a conceituação de como os indivíduos enxergam e compreendem alguns assuntos. Com a evolução social, o consequente acesso tecnológico e a importância da educação nos seus mais diversos meios, a pedagogia é vista como um instrumento revolucionário no meio social, atingindo diversos ambientes. Nesse interim, analisando a importância e possibilidade de atuação do pedagogo fora do ambiente escolar, podem ser citados locais como empresas, hospitais e penitenciárias. Deste modo, direcionando o objeto desta pesquisa, trata-se agora da atuação do pedagogo em ambiente prisional, verificando de que modo ocorre esse processo.

Quando retratada a realidade do ensino em um ambiente prisional é importante lembrar que os envolvidos no processo de ensino são seres humanos com necessidades e especificidades distintas, que influenciam diretamente nos processos pedagógicos. Contudo para obter o melhor resultado o pedagogo precisa se cercar de referenciais para o ajudar na sua atuação profissional e efetivação do seu trabalho para seus públicos específicos.

3. ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM AMBIENTE PRISIONAL

É de conhecimento geral que a educação é um direito de todos os cidadãos, o que promove a oportunidade para o sistema prisional também usufruir de tais considerações, pois a pedagogia também faz parte desse campo de atuação. Outrossim, o processo educacional nesse ambiente é analisado sob a perspectiva de reeducar os sujeitos no ambiente prisional (Gohn, 2006).

De acordo com Santos (2015, p. 105) “a educação dentro deste ambiente tem que ser vista como uma educação acima de tudo transformadora, com a finalidade de conscientizar os detentos, fazê-los compreender seus deveres”. É um período que volta ao indivíduo, auxiliando-o na conscientização de seus direitos e deveres e o modo de atuação na sociedade em prol à democracia e participação.

A oportunidade de atuação do pedagogo no ambiente prisional traz uma caracterização diferente daquela vista no ensino regular, por se tratar de acolher educandos adultos e que talvez, não tiverem tido, ainda, oportunidade para serem incluídos na educação. A especificidade da educação no sistema prisional está diretamente relacionada com a garantia de um direito constitucional e a importância de ampliar essa possibilidade pela compreensão da realidade social. O Ministério da Educação (MEC), juntamente com a Câmara de Educação Básica (CEB) e o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicaram a Resolução nº 02/2010 que estabelece Diretrizes Nacionais que propiciam a Educação para Jovens e Adultos que se encontram em privação de liberdade (Vidolin, 2017).

Nesse viés, mencionam Penna, Carvalho e Novaes (2016) que diante dessa possibilidade de atuação em ambiente prisional, fez indispensável a formação de profissionais nessa área para que tivesse preparo nesse ambiente de atuação, uma vez que o cenário não será o mesmo estabelecido em instituições escolares habituais.

Particularmente, o perfil do pedagogo que atua no ambiente prisional, apresenta um diferencial porque este profissional idealiza sua percepção do ensino em um ambiente que possui espaços contraditórios quando propõe ações pedagógicas divergentes dos locais de ensinamentos formais para este fim. A atuação

do pedagogo no ambiente prisional está basicamente direcionada com discussões e rediscussões para educar no sentido de transformar (Sasaki, 2010). Nessa linha de pensamento, é válido ressaltar que o pedagogo que atua com a educação prisional leva em consideração suas práticas voltadas em valores éticos, solidários e humanos. Práticas direcionadas a essas conceituações é que farão com que o apenado busque o melhor de seu desenvolvimento (Gadotti, 2009).

A privação de liberdade submete o preso às normas estabelecidas pela unidade prisional. Quando há a possibilidade de instrução escolar no ambiente torna-se importante que o profissional responsável conheça as possibilidades de atuação para estes ambientes. De acordo com a Lei de 11 de julho de 1984, que trata de Execuções Penais, o detento terá direito à redução da pena quando submetido ao trabalho e à Educação dentro do ambiente, o que acaba fazendo do momento de estudo importante ferramenta para reabilitação do apenado. A atuação do pedagogo se mostra como essencial no ambiente prisional, uma vez que ele repassa uma visão social, reflexa, autônoma e consciente, formando indivíduos críticos e participativos (Freire, 2004).

Quanto ao pedagogo, em relação a sua atuação no sistema prisional, ele propõe aos aprisionados a oportunidade de assimilar novas perspectivas para um resgate futuro de suas ações, ao receber sua liberdade. Trata-se de um trabalho mútuo e reformador, que pode garantir a esses detentos um futuro melhor (Ceroni, 2013).

A Educação no ambiente prisional deve proporcionar razões para que o detento compreenda que está sendo apoiado para desenvolver sua cidadania plena enquanto obtém novas oportunidades para se reintegrar na sociedade. No entanto, mesmo verificas as assertivas que retratam uma visão positiva da atuação pedagógica nesses ambientes privativos de liberdade, ao mesmo tempo sabe-se que também existem seus desafios, que será tratado na sequência.

3.1 DESAFIOS ENFRENTADOS PELO PEDAGOGO QUE ATUA NO AMBIENTE PRISIONAL

Considerando que a educação é um direito de todos e que o pedagogo é importante na ressocialização do indivíduo apenado com suas práticas pedagógicas, e ainda, vendo que o sistema prisional oferece oportunidades para a atividade educacional, sabe-se que a realidade é distinta das demais instituições educacionais.

À qual seja, expõe Ohnesorge (2018) que a realidade prisional brasileira apresenta uma série de precariedades, trazendo situações vulneráveis no sistema, como por exemplo, o fato de os presídios apresentarem uma superlotação em suas celas. Nesse interim, os presos vivem em situações de insalubridade, além de sofrerem com a falta de alimentação adequada e outros. Com isso, é possível que a oferta da educação, mesmo sendo um direito, também não seja efetivada nesses ambientes.

Ocorre que a prática educacional dentro de um ambiente superlotado não traduz ações eficientes, demonstra-se um desrespeito aos direitos humanos e na mesma proporção, uma ameaça na segurança pública. Isso porque a maioria das reivindicações desses presidiários acontece nesses locais e de forma não pacífica, sendo que o pedagogo também está em risco, se analisar essa possibilidade (Gomes, 2016). Nunez (2020, p. 3) indica que: “A grande maioria dos indivíduos presos não tiveram melhores oportunidades ao longo de suas vidas, principalmente a chance de estudar para garantir um futuro melhor”. O autor completa enfatizando que: “o tempo que despenderá atrás das grades pode e deve ser utilizado para lhe garantir estas oportunidades que nunca teve, por meio de estudo e paralelamente, de trabalho profissionalizante” (Nunez, 2020, p. 3).

É sob esse paradigma que os desafios prisionais devem ser enfrentados para que a Educação possa traçar ao detento a possibilidade de recuperar sua dignidade e integridade humana, sabendo que oportunidades poderão ser assimiladas quando obter sua liberdade. O pedagogo deve enfrentar uma série de dificuldades presentes no ambiente prisional, entre eles estão: desafios didáticos, falta de recursos, falta de valorização dos profissionais, e ainda, lidar com a descrença dos próprios detentos sobre a reabilitação social (Santos,

2015). Para superá-las, o pedagogo deve manter seu olhar crítico e atento, buscando soluções para enfrentar esses fatores.

Outras dificuldades são retratadas por Cerqueira et al. (2017), ao revelarem que questões relacionadas a horários não favorecem a educação no ambiente prisional. Isso porque o pedagogo cumpre seu horário de atendimento no estabelecimento prisional, mas os detentos não são direcionados para a sala de aula no horário estabelecido, atrasando o início da aula e muitas vezes, não usufruem do período completo. A escassez de materiais didáticos também é outro problema, livros, cadernos, quadros e outros materiais relacionados à prática, chegam até esses locais por meio de doações e nem sempre essas doações suprem a demanda de presidiários e a necessidade de materiais.

O ambiente também acaba se tornando outro fator, pois não é um dos mais adequados, o espaço físico para sala de aula dentro do presídio traz uma proporção reduzida, proporcionando até mesmo desconforto sobre a relação interpessoal entre o aluno preso e o pedagogo (Lourenço; Onofre, 2011). O pedagogo também precisa de formação continuada para que possa melhorar seu desempenho e atender às expectativas exigidas pelo ensino dentro do ambiente prisional. Deste modo, outra dificuldade ressaltada é a falta de valorização destes profissionais, sendo que o Estado demanda pouco investimento (Souza, 2016).

O fato de a educação no ambiente prisional revelar dificuldades e estar sendo desenvolvida diante de vários problemas já relacionados com o próprio ambiente, muitas vezes não contribui de maneira efetiva e não é vista como prioridade no local. O pedagogo também lida com dificuldades no processo de motivar os detentos, sendo que a Educação é um direito, mas não uma obrigação. Os problemas enfrentados particularmente pelos detentos, acabam afetando-os psicologicamente, podendo interferir no processo educacional, fato que acaba exigindo um pouco mais do pedagogo para os motivar ao ensino (Santiago, 2012). É sob esses aspectos que delineamos a pesquisa empírica e seus procedimentos, apresentados na sequência.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Unibave – CEP, por meio do parecer consubstanciado número 5.628.461. O estudo de natureza básica, e exploratória foi realizada por meio de uma pesquisa empírica e abordagem qualitativa.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram: uma professora pedagoga de uma unidade prisional na Região da AMREC/SC e quatro detentos de uma turma de nivelamento de 1º a 5º ano da mesma unidade prisional. Na unidade há 900 detentos, destes, 86 estão estudando em 8 turmas. Na unidade também há 3 pedagogas e 4 professores de disciplinas diversas. O nivelamento (1º ao 5º ano) é oferecido em 3 turmas: uma turma concluinte com 4 alunos; uma turma com 23 alunos e uma com 11 alunos. A escolha pela unidade prisional se deu por conveniência uma vez que, a pesquisadora realizou seu estágio em Gestão Escolar nesta unidade. Em conversa com diretor responsável, foi informado que a turma com 4 alunos é a turma que estava finalizando o nivelamento, motivo pelo qual a turma foi objeto de investigação.

A pesquisa se deu por meio de entrevista e questionários. Com a pedagoga foi realizada uma entrevista semiestruturada, por vídeo chamada, com três (3) tópicos balizadores da conversa. Com os detentos, a coleta de dados foi feita por meio de questionários com perguntas abertas. No total, foram seis (6) perguntas, e os detentos, tiveram um prazo de quatro (4) dias para responderem. Antes disso foi entregue a eles o termo de consentimento com os esclarecimentos sobre a pesquisa, bem como objetivos e procedimentos para sua realização. Para que os questionários chegassem aos detentos, ele foi encaminhado via aplicativo de conversa (*WhatsApp*) para o diretor do presídio, que imprimiu e entregou aos detentos. Posteriormente, o questionário foi recolhido, escaneado e devolvido à pesquisadora, também via aplicativo de conversa.

A fim de preservar anonimato dos sujeitos da pesquisa, definiu-se como pseudônimo aos detentos: detento 1; detento 2; detento 3 e detento 4, quando citados no texto. Quanto à pedagoga, será utilizado o termo pedagoga ao ser referir nominalmente a ela no texto.

A categorização da entrevista feita com a pedagoga foi determinada a partir de três categorias: a formação e motivação para atuar na unidade prisional; especificidades e desafios da atuação nessa modalidade e percepção sobre a importância dos estudos para os detentos. Quanto à análise dos dados dos detentos, definiu-se como categorias: importância dos estudos na prisão e a atuação do pedagogo na percepção dos detentos.

3 FORMAÇÃO ESCOLAR NAS UNIDADES PRISIONAIS: PERCEPÇÃO DE DENTENTOS E PEDAGOGA

Inicialmente apresentam-se os dados e discussão da entrevista com a pedagoga a partir das categorias de análise definidas *à priori*, quais sejam: a) a formação e motivação para atuar na unidade prisional; b) especificidades e desafios da atuação nessa modalidade e; c) percepção sobre a importância e o interesse dos estudos para os detentos.

Quando se questionou à pedagoga se ela teria formação específica para atuar em ambiente prisional, mencionou que não possuía nenhuma formação específica. Complementou dizendo que o curso de Pedagogia é ofertado para atuar na Educação de Jovens e Adultos – EJA, e, assim é uma consequência da atuação no ambiente prisional, uma vez que é um local composto por este público. A pedagoga mencionou também que possui formação em Artes Visuais, mas na unidade prisional sua atuação acontece em função de sua graduação em Pedagogia.

A colocação da pedagoga sobre não ter formação para atuar na unidade prisional corrobora com o que explicam Silva, Souza Neto e Moura (2014), ao mencionarem que, quando não há formação específica, direcionada para o pedagogo atuar em unidades prisionais, mas que este profissional deve ser devidamente cursado e com experiência em EJA. Ocorre que as atividades pedagógicas no sistema prisional, trabalham o direcionamento social do indivíduo, com vistas a sua participação cidadã assim que os presos estiverem em situação de liberdade.

Sobre a motivação da pedagoga para atuar no ambiente prisional, percebeu-se em seu relato que essa motivação se deu pela efetivação de seu trabalho e não do ambiente. Deste modo, quando soube da existência da vaga, foi convidada e aceitou, mesmo estando inicialmente apreensiva pelo ambiente. Sobre isso, mencionou: “Eu penso em dar aulas independente do ambiente, surgiu essa vaga e aceitei” (Pedagoga, 2022).

E sobre a atuação se dar em um ambiente prisional, a entrevistada mencionou: “Quando iniciei as aulas no ambiente prisional, me senti um pouco insegura, mas logo em seguida esse receio se desfez” (Pedagoga, 2022). Entretanto ressaltou que esse receio, pelo fato de ter que lidar com o público de detentos e por acreditar que se estes indivíduos estavam detidos por motivos ilícitos, inicialmente, a fez pensar em sua segurança, mas ao iniciar seu processo de ensino em um novo ambiente, logo percebeu que precisou repensar sobre o pensamento inicial envolto em preconceito. O equívoco, ao qual imaginou se sentir insegura ao atuar, rapidamente se desfez, pois compreendeu que os comportamentos desses detentos se davam como em uma sala de aula tradicional, visto que a mudança era apenas o local e não os meios.

Ao inferir esse importante trabalho pedagógico no ambiente prisional, Diettrich (2011) explica que cabe a esse profissional uma missão relevante no processo de formação integral do cidadão que ali se encontra. O autor ainda afirma que a experiência da EJA, antes de se inserir nesse contexto, é fator contribuinte para lidar com esse público.

Por certo, não há como estabelecer um parâmetro para determinar as motivações que levam o pedagogo a atuar em ambientes prisionais, assim como mensurar a sensação de segurança que os permitem realizar esta tarefa. Como visto, a partir do relato da pedagoga, estas são emoções particulares que representam um pouco dessa realidade e estudos como este, podem demonstrar um pouco desse olhar.

Quando retratado sobre as especificidades dessa modalidade de ensino, a pedagoga explicou que para ela, há uma diferença muito notável em relação a outras turmas que já atendeu, comparando com a modalidade de ensino regular, não sendo a EJA. Isso, para ela, se deve ao fato de ter dificuldade em encontrar

material pedagógico para trabalhar com esse público adulto, e que, estando em um ambiente que lhes inibe da liberdade, é importante a busca por metodologias que os atraiam.

A pedagoga relatou também que os detentos não possuem livros didáticos atualizados, o que dificulta o processo de ensino, uma vez que a turma acompanha livros antigos, ofertados pelo ambiente prisional e, a partir deles, é que a professora deve planejar suas aulas e lecionar.

Para a pedagoga, é fácil desenvolver métodos e encontrar conteúdos novos para trabalhar com turmas infantis, ou das séries iniciais, por exemplo, que são turmas, em suas particularidades, que permite a introdução de conteúdo mais lúdico, mas que não seria assim adequado ao público de jovens e adultos, ainda mais em uma unidade prisional.

Nesse sentido, as estratégias utilizadas no ambiente prisional são limitadas pois alguns objetos que não podem ser levados para dentro da sala de aula, visto que se trata de uma regra ao local. Contudo, na busca pela melhor forma de retratar o ensino, a pedagoga explicou que trabalha muito com leituras e durante as últimas aulas que antecedem o encerramento desse processo, foi permitido que ela levasse um computador para que algumas imagens pudessem ser repassadas durante esse processo.

Diante desse cenário, Dietrich (2011) indica que, na metodologia da EJA, o professor é um intermediador do saber e é importante que ele busque metodologias de acordo com cada turma e que, um dos cuidados com as estratégias é, dependendo do modo como a aula lhes é proposta, criar uma situação em que estes jovens adultos podem se sintam infantilizados.

Sobre a questão das estratégias desenvolvidas pela pedagoga na unidade prisional, levando para sala de aula o que entende ser mais relevante, conforme seu relato, há muita cautela na escolha dos assuntos, pois segundo ela, há temáticas sensíveis ao próprio ambiente como violência doméstica, violência sexual e outros aspectos que podem desencadear reações e emoções, uma vez que não se sabe os motivos que levam estes indivíduos a estarem nessas condições de privação de liberdade.

Dentre as dificuldades que esse tipo de atuação desencadeia, a pedagoga mencionou que a mais difícil é a distância física entre ela e os alunos detentos, pois, enquanto ela fica em uma sala, os alunos detentos estão em outra, separados por uma grade. A falta de possibilidade da interação entre essa aproximação, não permite que atividades em conjunto ao quadro negro possam ser realizadas. Deste modo trabalha com leitura, muito texto e quadro negro.

A pedagoga mencionou que sente dificuldades em realizar correções de atividades mais explícitas, pois não pode se aproximar dos detentos, assim, não consegue fazer apontamentos nos cadernos deles, sente falta de se sentar em uma cadeira e carteira à frente deles, e ter um contato mais próximo como acontece nas aulas de espaços em ambientes escolares.

De modo geral, percebe-se certa dificuldade relatada pela pedagoga no modo como o processo de ensino é organizado para as aulas no presídio visto que, a elaboração de estratégias e acompanhamento da aprendizagem fica comprometida em decorrência do ambiente, contudo, a entrevistada procura relacionar seu processo de ensino com o que lhe permite e nesse caso, traz abordagens textuais como principal método.

Em relação à percepção da importância dos estudos para quem está privado de liberdade, a pedagoga considera importante, uma vez que se trata de uma gama de contribuições para o processo de ressocialização. Citou também que, em decorrência de histórias de vida e questões sociais, a falta de oportunidade para o estudo que estes detentos não tiveram lá fora, estão agora, sendo permitidas, mesmo que com restrições. Essa percepção da pedagoga corrobora com Vidolin (2017) ao indicar que, a promoção desse processo educacional no ambiente prisional tem o objetivo de contribuir significativamente para a reintegração desses indivíduos na sociedade. Trata-se de conduzir melhores expectativas e perspectivas para melhorar o comportamento após terem sua liberdade concedida. E nesse entendimento, o pedagogo tem um árduo papel, de intermediar esses benefícios.

Ainda conforme a pedagoga, todo trabalho realizado na unidade gera satisfação e acredita firmemente que algo desse conhecimento será levado com

estes detentos para além do ambiente prisional, quando estes estiverem em liberdade.

Sobre o interesse dos alunos detentos às aulas ministradas, ela respondeu que observa um comportamento semelhante às salas de aulas tradicionais, alguns mostram mais interesse que outros, uns são mais participativos, curiosos, e outros não. Compreende-se que os alunos são vistos pela pedagoga como alunos que integram salas de aula fora desse ambiente, estando o comportamento desses, igualmente relacionado àqueles que estão diariamente em escolas de ensino regular, alguns com comportamentos mais dispersos, outros mais concentrados. Portanto, embora em um ambiente totalmente diferente do ambiente escolar, a percepção da pedagoga sobre a motivação e comportamento dos detentos é semelhante aos estudantes de um ambiente escolar.

Quanto aos dados coletados nos questionários aplicados aos detentos, eles serão apresentados conforme as categorias definidas à priori, quais sejam: a) importância dos estudos na prisão; b) a atuação do pedagogo na percepção dos detentos.

Acerca da importância dos estudos para os detentos no ambiente prisional, questionou-se inicialmente a idade, tempo de prisão e até que séries teria estudado antes de estar preso. Deste modo, revela-se as características desses alunos participantes da pesquisa, a saber: a) Detento 1: 35 anos, preso há 6 anos, tendo estudado até o 6º ano; b) Detento 2: 32 anos, preso há 6 anos, estudou até o 3º ano do Ensino Fundamental; c) Detento 3: 30 anos, preso há 11 anos, estudou até o 5º ano; d) Detento 4: 26 anos, preso há 4 anos e estudou até o 4º ano.

A classe de detentos formada pela amostra dessa pesquisa não apresenta nenhum participante com formação completa do Ensino Fundamental. Visto isso, ressalva-se a relevância da pergunta que se seguiu, que buscou saber se após início das aulas com a professora, houve motivação para continuar os estudos, dada a atuação desta profissional.

Para todos os detentos a resposta foi positiva, havendo motivação para a continuidade dos estudos. O detento 1 pontua que caso a unidade permita mais

aulas, ele irá fazer parte para quando sair da prisão terminar os estudos de onde parou, pois até o momento já viu uma nova perspectiva de vida. Os detentos 2 e 3 apresentaram motivações semelhantes, mencionando que estes estudos lhes proporcionaram muito aprendizado, além de considerar que essas aulas são uma boa forma de aproveitar o tempo na prisão. Para o detento 4, os conhecimentos transmitidos pela professora prisional são vistos como um exemplo a ser seguido.

Sobre a atuação do pedagogo na percepção dos detentos, quando questionados se a pedagoga, durante as aulas, estimula a ressocialização de modo que os encoraje a estudar e se profissionalizar após o cumprimento da pena, o detento 1 respondeu positivamente, uma vez que para mudar de vida, as aulas da prisão são os primeiros passos. O detento 2 disse que a professora contribui de maneira significativa para ressocialização, além de verificar que as suas aulas são ministradas com muito amor. De acordo com o detento 3, o fato de estar na prisão acabou lhe demonstrando o quanto estudar é importante, considerando que são relevantes também para se reintegrarem na sociedade. O detento 4 também afirmou que a contribuição da pedagoga é fundamental para a ressocialização, pois através dela são repassados conhecimentos que cada vez mais caminham para este fim.

Conforme visto, é possível perceber que estes detentos estão engajados em continuar os estudos após saírem do ambiente prisional. Também pôde-se verificar que eles veem na figura do professor, um alguém importante que promove contribuições para ressocialização e para motivação ao retorno das aulas. Como mencionou Freire (2000, p. 56) é necessário dialogismo na educação da EJA, sendo que o educador deve direcionar seu ensino a partir do interesse do educando, “o diálogo só existe quando aceitamos que o outro é diferente e pode nos dizer algo que não conhecemos”. Deste modo se pode estabelecer ações que admitam a participação do outro no processo de ensino.

E nessa mesma linha de pensamento entende Vieira (2019, p. 02):

Isso dentro do sistema prisional é a chave porque a maioria das pessoas que ali estão, tiveram problemas ao longo da sua vida educacional. A maioria viveu algum tipo de fracasso, dificuldade, que fizeram com que ela abandonasse o estudo. Então quando você

resgata aquela pessoa dentro do cárcere ela precisa ser tocada porque ela chega fragilizada, o ensino que a gente vai ofertar tem que ser significativo na vida dela para ela ver que ainda há uma chance.

Ainda, ao verificar as colocações relacionadas pela pedagoga sobre a falta de recursos pedagógicos é possível verificar que mesmo diante das dificuldades metodológicas e com poucos recursos, seu papel está sendo bem desempenhado, com o propósito que almejou ao aceitar as aulas, de contribuir para disseminar conhecimentos e ensinar a ressocialização destes indivíduos.

Outro questionamento feito aos detentos diz respeito a como eles avaliam a atuação da pedagoga na unidade prisional. De modo geral, todos afirmaram que a atuação da pedagoga é muito boa. O detento 1 respondeu que sua atuação é ótima, visto que os assuntos ensinados são de extrema importância para sua a reeducação social. O detento 2 revelou que a professora é muito boa ao ensinar, uma vez que direciona toda sua atenção a este fato com estes poucos alunos. Na mesma linha de entendimento, o detento 3 respondeu que a professora é muito boa por proporcionar momentos participativos, fazendo com que ele tenha revelado um respeito pela Educação, pois através dos conhecimentos repassados pela professora, pôde planejar grandes passos para que sua vida melhore quando estiver em liberdade. O detento 4 também afirmou que a atuação da professora é muito boa, pois lhe proporcionou muitos conhecimentos dos quais não sabia e isso fez com que ele se interessasse em aprender mais.

Os detentos também foram questionados sobre o modo como avaliam a professora sobre o comportamento dela como profissional, visto que o detento 1 afirmou que o comportamento na unidade prisional, pela professora, é ótimo, tratando os detentos com respeito, que se veem tratados pela sociedade como delinquentes. O detento 1 ainda mencionou que a visão que se tem lá fora é distorcida de como eles são ali dentro e que quando o professor se instala nessa unidade, pode verificar isso. O detento 2 avaliou essa atuação como sendo mais paciente em comparação com o tratamento dado em sala de aula tradicional, frisando também a boa educação com que são tratados, que pode observar que eles gostam do que fazem: ensinar.

O detento 3 mencionou que não vê diferença com a educação e aprendizado que teve quanto era criança, afirmou que enxerga esses professores que atuam em ambientes prisionais, como bons e prestativos.

Na mesma perspectiva que os detentos anteriores, o detento 4 também avalia esse atendimento com educação e com ênfase ao fato de que se percebe que gostam do que fazem.

Em meio a tais colocações, é possível verificar que estes detentos consideram o professor do ambiente prisional como alguém que lhes proporciona uma visão mais ampla do que podem se tornar ao sair desse local. Ainda, reforçam que o fato de serem tratados com respeito e educação colabora para uma boa perspectiva.

Quanto ao que afirmou um dos detentos, a professora chega na sala de aula com uma imagem dada a estes alunos pela sociedade, que os rotulam, e tal fato se fez presente, visto que a professora prisional também afirmou em uma de suas colocações, que entra com sentimento apreensivo, mas que ao se inteirar da realidade ali dentro percebe que são alunos como os que estão em salas de aula tradicionais.

Em suma, trata-se como relevante esse processo de ensino e aprendizado no ambiente prisional, podendo inferir pelas respostas atribuídas destes detentos, que a professora traz um novo significado para a reeducação social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender como se caracteriza a atuação do pedagogo em uma unidade prisional na região da AMREC/SC. Para tal, buscou-se saber a percepção tanto da pedagoga que trabalha neste ambiente como dos detentos atendidos por ela.

Na percepção dos detentos, percebeu-se que a atuação do pedagogo na unidade prisional em questão é pautada por uma relação de respeito e que para eles, a pedagoga tem boa atuação e comprometimento com a ressocialização destes apenados. Também foi possível verificar que o pedagogo tem influência positiva sobre a motivação para a continuidade do processo de aprendizagem

dos detentos fora daquele ambiente. Essa motivação, conforme os detentos, é fruto do modo de atuação desta profissional que se preocupa em transmitir conhecimentos necessários para demonstrar a esses detentos que eles têm muitas oportunidades quando estiverem libertos.

Diante das especificidades da atuação profissional do pedagogo no ambiente prisional, verificou-se que se trata de uma turma que precisa ser compreendida a partir das especificidades da EJA, mas, ao mesmo tempo, a sensibilidade e ressignificação de alguns pré-conceitos também precisam ser considerados. Há ainda dificuldades e restrições em materiais pedagógicos para delimitar metodologias mais específicas, em decorrência do local, que exige maior segurança e fiscalização.

Por fim, pode-se dizer que esta pesquisa trouxe benefícios quanto ao modo de atuação dos pedagogos nesses ambientes, aproximando essa realidade para uma possível atuação profissional. Pelas limitações desse estudo, não foi possível o aprofundamento de algumas temáticas, assim deixa-se como sugestão para outros pesquisadores, a elaboração de estratégias e metodologias de aula para esse público, uma vez que foram situações com mais incidência de dificuldades apontadas nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Alexandre. Educação de Jovens e Adultos privados de liberdade: perspectivas e desafios. **Paidéia**. Belo Horizonte, v 6, n. 7 p. 101-121 jul./dez. 2009. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/953>. Acesso: 01 ago. 2023.

AGUIAR, Marcia Angela da S. et al. **Revista Educação e Sociedade**. V 27, n. 96 - Especial, p. 819-842, out. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/i/2006.v27n96/>. Acesso: 01 ago. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso: 01 ago. 2023.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_rcp0106.pdf?query=LICENCIATURA. Acesso: 15 jul. 2023.

BRASIL. **Resolução nº 2, de 19 de maio de 2010.** MEC. Institui as Diretrizes Nacionais para oferta de Educação de Jovens e Adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=5142&Itemid. Acesso em: 21 ago. 2023.

CACICEDO, Patrick. Desafios para a educação nas prisões na era do grande encarceramento. **Aracê, Direitos Humanos em Revista**, v. 2, n 4, p. 25-36, nov. 2016.

CARREIRA, Denise. **Relatório nacional para o direito humano à educação: educação nas prisões brasileiras.** São Paulo: Plataforma DhESCA Brasil, 2009. Disponível em: <https://www.cmv-educare.com/wp-content/uploads/2013/07/FINAL-relatorioeduca%C3%A7%C3%A3onasprisoenov2009.pdf>. Acesso: 20 ago. 2023.

CERONI, Mary Rosane. **O perfil do Pedagogo para atuação em espaços não-escolares.** 2013. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário FMU, Pós-Graduação em Educação, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/o-Perfil-Do-Pedagogo-Para-Atua%C3%A7%C3%A3o/813964.html>. Acesso: 20 ago. 2023

CERQUEIRA, Elizabete Cristina de. LEITE, Andrea Vieira. SOUSA, Francisco das Chagas da Costa. NASCIMENTO, Karine de Sousa. CARVALHO, Flávia Veras Marques. As dificuldades encontradas pela professora de ciências no ensino de jovens e adultos (EJA) no sistema prisional de Paranaíba-PI. Universidade Federal de Piauí – UFPI, **III CONEDU – Congresso Nacional de Educação**, 1-28, 2017. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/anais.html>. Acesso: 20 ago. 2023.

DIETRICH, K. J. **Educando para o futuro.** 4. Ed. São Paulo: Elsevier, 2011.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 30 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

GADOTTI, Moacir. **Educação de adultos como direito humano.** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

Gil, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

GOHN, M, G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n.50, p. 27-38, 2006. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/694>. Acesso: 20 ago. 2023.

GOMES, S. F. **Pensando a função e a atuação da Psicopedagogia no Sistema Prisional**. 2016. Artigo (Graduação) - Centro Universitário do Planalto de Araxá, 2016. Disponível em: <https://silo.tips/download/pensando-a-funao-e-atuacao-da-psicopedagogia-no-sistema-prisional-1>. Acesso: 20 ago. 2023.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. Uma visão socioeducativa da educação como programa de reinserção social na política de execução penal. In: **Revista Vertentes**. Vitória, v 28, n. 15, p. 1-18, ago/set. 2010. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes_35/elionaldo.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. Formação dos profissionais em educação: visão crítica e perspectiva de mudança. In: PIMENTA, S. G. **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo, v. 1, n 1, p. 11-58, set/out. 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogo, para quê? 200p. 8. ed. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 131, p. 1-3, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/MZ939dkBFZL9C3PkFp7tPJJ/>. Acesso: 24 jun. 2023.

LOURENÇO, Arlindo da Silva. ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. **O espaço da prisão e suas práticas educativas: enfoques e perspectivas contemporâneas**. São Carlos: UFSCar, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

NASCIMENTO, Aretha Soares et al. A atuação do pedagogo em espaços não escolares: desafios e possibilidades. **Pedagogia em Ação**, São Francisco, v. 2, n. 1, p. 61-65, jun/jul. 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/4481>. Acesso: 07 jun 2023.

NUNEZ, Benigno. **A educação prisional no Brasil**. Brasil escola: Meu artigo. 2020. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao-prisional-no-brasil.htm>. Acesso em: 24 jun. 2023.

OLIVEIRA, Silvana Barbosa. A formação do pedagogo par atuar no sistema penitenciário. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, v. 1, n. 48, p. 175-197,

jan/fev. 2019. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/journal/715/71558958012/html/>. Acesso: 07 jun. 2022.

OHNESORGE, J. L. **Educação em primeiro lugar**. São Paulo: Atlas, 2018.

ORTEGA, Lenise Maria Ribeiro; SANTIAGO, Nilza Bernardes. A atuação do pedagogo: que profissional é esse. **Pedagogia em Ação**, v.1, n.2, p.1-122, ago/nov, 2009.

PENNA, Marieta; CARVALHO, Alexandre; NOVAES, Luiz Carlos. A Formação do Pedagogo e a Educação nas Prisões: Reflexões Acerca De Uma Experiência. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 36, n. 98, p. 109-122, jan/abr, 2016.

Disponível em:

https://ava.unibave.net/pluginfile.php/180552/mod_resource/content/1/aula%20refer%C3%Aancias.pdf. Acesso: 15 ago. 2023.

PORTUGUES, Manoel Rodrigues. Educação de adultos presos. **Revista Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 27, n.2, p.355-374, jul/dez. 2001.

Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v27n2/a11v27n2.pdf> Acesso em: 24 ago. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano e FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. *E-book*.

RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. **Pedagogia empresarial: atuação do pedagogo na empresa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2018.

SANTIAGO, Nilda Gonçalves Vieira. **Educação prisional**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Pós-graduação em Pedagogia. Goiânia, 2012. Disponível em: <https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Nilda-Gon%ca7alves-Vieira-Santiago.pdf>. Acesso: 15 ago. 2023.

SANTOS, W, L. O papel do pedagogo dentro do sistema penitenciário. **Revista Científica da FASETE**, São Francisco, v. IX, n 9, p. 103-113, jun/jul. 2015.

Disponível em:

https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2015/9/o_papel_do_pedagogo_dentro_do_sistema_penitenciario.pdf. Acesso: 15 set. 2022.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 8. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010. *E-book*.

SILVA, Roberto da; SOUZA NETO, João Clemente de; MOURA, Rogério Adolfo de. **Pedagogia social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, v.1. n. 8, p.270-289, ago/set. 2014. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/715/71558958012/71558958012.pdf>. Acesso: 15 ago. 2023.

SOUZA, Viviane Barbosa de. **Educação nas prisões**: desenvolvimento de competências para o exercício da liberdade. São Carlos: Educui, 2016. *E-book*.

VIDOLIN, Lucimara Aparecida de Moura. **Educação no Sistema Prisional**: desafios, expectativas e perspectivas. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Tuiuti do Paraná. Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2017. Disponível em:
<https://tede.utp.br/jspui/bitstream/tede/1272/2/EDUCACAO%20NO%20SISTEMA%20PRISIONAL.pdf>. Acesso: 15 ago. 2023.